A Ciência da Socionomia

E os desafios do Psicodramatista Pesquisador

Autora: Maria da Penha Nery[1]

RESUMO

Decidimos compor a mesa redonda "Ciência Psicodramática: O compromisso Ético-político com as Múltiplas Formas de Existir" para o 25º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Eu, Oriana Hadler, Laura Vomero e Maria Inês Conceição. Debruçamo-nos, mais uma vez, sobre o debate, já superado, mas paradoxalmente sempre atual, acerca da Psicologia (e da Socionomia) enquanto ciência: sua epistemologia, seus modos de produção de conhecimento e as 'eficácias' desses conhecimentos. Infelizmente vivemos uma relação abusiva de poder na Psicologia, caracterizada pelo descaso e falta de ética de alguns profissionais que tentam mostrar para a sociedade que existe apenas uma abordagem "científica" e que comprova suas "evidências", enquanto as outras abordagens não o fazem. Nessa mesa, conversaremos com os participantes e apresentaremos, cada uma com seus estudos, sobre a Socionomia, enquanto ciência múltipla, aberta e implicada, que estuda o ser-humano-em-relação-em-contextos. Refletiremos sobre os suportes epistemológicos que trazem o paradigma científico qualitativo, histórico, social-construtivista. O psicodramatista pesquisador tem os principais desafios de desenvolver a teoria e os métodos de análises socionômicos que reflitam a especificidade de sua epistemologia e de, com seus estudos, contribuir para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia, pesquisa qualitativa, relações humanas, Socionomia, Psicodrama.

INTRODUÇÃO

A Psicologia tentou adaptar-se aos parâmetros hegemônicos e coloniais empírico-positivistas; porém, ao longo do século passado, essa ciência passou a rever suas epistemologia e metodologia e se aproximou do paradigma qualitativo (GONZALEZ REY, 1999). Esse

[1] Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, Psicodramatista, Didata Supervisora pela Febrap. Autora de livros e artigos científicos. Associação Brasiliense de Psicodrama. mpnery@gmail.com

paradigma pressupõe que a realidade do sujeito é acessível por meio da pesquisa do sujeito concreto, que tem um sofrimento cotidiano, vive situações, relações e emoções.

A epistemologia socionômica se alicerça no pressuposto de que o ser humano é um ser-em-relação, um ser-em-situação, sua existência é co-existência. Os hífens indicam a conexão, a inseparabilidade ou integração de uma coisa à outra. Nesse sentido, a epistemologia da Socionomia é uma reflexão desse campo de estudo, ou seja, uma compreensão da produção de seus conhecimentos, principalmente relacionada ao como foram produzidos, para quê e a quem serve (GONÇALVES, 1990).

Segundo Monteiro (2006), é necessário organizar um campo de reflexão definido como metapsicodrama, que objetiva o estudo sistemático do método de ação. Podemos avançar para uma metasocionomia crítica como uma epistemologia da Socionomia.

DESENVOLVIMENTO

Moreno (1983) realizava a ciência socionômica de forma aberta, à medida que atuava e desenvolvia seus métodos de ação. Esboçou uma epistemologia que antecipou as questões epistemológicas e metodológicas qualitativas, sociais e histórico-construtivas.

Moreno (1983, p. 230) afirma: “o ser humano em sua subjetividade total tem que fazer parte da análise científica a fim de prover o investigador de um relato fenomenológico total do que se passa na situação humana.” Para o autor, quanto mais exaustiva e honestamente forem atuadas as experiências subjetivas, mais precisas elas se tornam.

Moreno (1974) para suas pesquisas concebe a tricotomia social como o conjunto: realidade social, realidade externa e matriz sociométrica. A realidade social é resultante da articulação entre realidade externa e a matriz sociométrica. A realidade social é constituída das dinâmicas e das padronizações vinculares e sociais específicas. A realidade externa é a realidade formal dos papéis e funções sociais. A matriz sociométrica é a realidade informal do campo das relações, em suas estruturas, forças e fluências ocultas e afetivas: afinidades, identificações, escolhas para realizações de projetos dramáticos primários e secundários.

A “verdade existêncial” ou o desvendar das tramas relacionais, que o socionomista procura está na realidade social produzida pelos estados co-conscientes e co-inconscientes das relações humanas (NERY, 2010).

Nos anos 1940, observamos a visão inovadora de Moreno ao concluir que, nas ciências humanas, a ‘validação existencial’ se afirma perante a validação científica. A validação

existencial está presente na experiência do sujeito concreto, na vivência da liberdade de expressão, nas reações espontâneas às situações. É possível superar a dicotomia objetividade/subjetividade na ciência ou fantasia/realidade da experiência humana, pois "as validações científica e existencial não se excluem mutuamente, podendo ser construídas num continuum." (MORENO, 1983, p. 231).

A metodologia de ação socionômica, derivada também do teatro e da arte, procura o viver e não apenas o falar sobre um drama. Nesta experiência há uma realidade suplementar, na qual o psicodramatista e o grupo trazem, observam e (re)vivem situações-problemas, explorando a realidade social, a externa, a matriz sociométrica e a imaginação para ampliar a compreensão do fenômeno.

Neste sentido, Moreno (1992, p. 133) diz:

> ... o bravo mundo dos homens precisa ser não apenas compartilhado, mas, também, co-produzido; isto é, deve ser criado não apenas por um ou por poucos gênios somente, mas sim, pelos esforços de todas as pessoas. O princípio propulsor do crescimento gradual da metodologia científica parece ter características de princípio "ético" e ter raízes na dinâmica da história da civilização humana.

Oudyk (2006) afirma que é útil a visão do Psicodrama a partir do paradigma construtivo e do ponto de vista pós-moderno. O primeiro, pela sua base epistemológica de ação e de interação e o segundo, por sua resistência à mono-epistemologia.

Merengue, Brito e Ramos (2006), Knobel (2004) e Nery, Costa e Conceição afirmam que o Psicodrama aumenta o escopo dos métodos de ação na pesquisa qualitativa, com a produção do conhecimento a partir da prática.

Almeida (1994) defende o paradigma da criação da Teoria Socionômica de J. L. Moreno, por meio das pesquisas sociométricas, como uma das grandes descobertas do sec. XX.

O psicodramatista pesquisador precisa enfrentar alguns desafios (NERY, 2007), dentre eles:

1 - aperfeiçoar sua prática no uso dos métodos ativos-interventivos;

2 - continuar o desenvolvimento do corpo teórico socionômico;

3 - enfrentar a angústia de fazer um delineamento contínuo da pesquisa, dentro da categoria do momento, embora condizente com os objetivos e as delimitações do estudo.

4 - fazer os processamentos dos conteúdos da realidade social que emerge nos métodos de ação, e desenvolver metodologias específicas de análises dos conteúdos produzidos por estes métodos (NERY, 2010).

5 - apresentar um pensamento que enfatize a multiplicidade, complexidade e a interseccionalidade das experiências socioculturais dos sujeitos presentes no estudo.

6 – avaliar as suas interferências no processo da pesquisa. Moreno (1983) revolucionou as funções do pesquisador, tornando-o também um terapeuta-interventor-observador-participante. Essas funções exigem do pesquisador um compromisso ético em relação aos sujeitos estudados e um estudo específico sobre seu papel na construção do conhecimento.

7 – continuamente refletir sobre sua produção de conhecimento e expô-la perante a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epistemologia da Socionomia ou a metasocionomia promove a reflexão crítica da prática científica do psicodramatista, sua articulação com a comunidade acadêmica e com a sociedade. Para enfrentarmos os descasos em relação à ciência socionômica, precisamos aprofundar sobre o paradigma qualitativo, histórico, social-construtivo.

Esperamos que esta mesa-redonda contribua para que o psicodramatista pesquisador enfrente os desafios da produção de conhecimento.

É fundamental que o psicodramatista confie que já possui teorias e métodos apropriados para realizar pesquisas sociais e do indivíduo que fazem a diferença para a sociedade.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, N. Pesquisas com crianças: contribuições para se repensar a prática pedagógica na educação infantil e os cursos de formação de professores. In: ENS, R. T. GARANHANI. M. C. **Pesquisa com crianças e a formação de professores**. Curitiba: PUCPRess, 2015. p. 45-72.

AlMEIDA, W. C. O lugar do Psicodrama. In: Petrilli, R. A. S (org.). **Rosa dos Ventos do Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1994. p. 51 a 60, 1994.

GONÇALVES, C. S. Epistemologia do psicodrama: uma primeira abordagem. In: M. Aguiar (org.). **O Psicodramaturgo J.L. Moreno, *1889-1989***. (p. 91-105). São Paulo: Casa do Psicólogo. 1990.

GONZALEZ REY, F. **La Investigación cualitativa en Psicología** – rumbos y desafíos. São Paulo. EDUC. 1999.

MONTEIRO, A. M. Pesquisa qualitativa e segmentação cênica: para aquém de uma teoria do obsceno. In Monteiro, A. M, Brito, V, Merengue, D. **Pesquisa Qualitativa e Psicodrama** São Paulo, Ed. Ágora. 2006. p. 51-65

MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Introdução à Teoria e à Práxis.** (A. C. M. Cesarino Filho, Trad.) São Paulo: Mestre Jou (Original publicado em 1959). 1974.

MORENO, J. L. **Fundamentos do Psicodrama**. (Maria S. Mourão Neto, Trad.) São Paulo: Summus. (Original publicado em 1959). 1983.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá? – Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama**. (A. R. de Faria; D. L. Rodrigues e M. A. Kafuri, Trads. G. F. do Amaral e P. M. de Oliveira, Rev.) Vol. 1 . Goiânia: Dimensão, 1992. (Original publicado em 1953). 1992.

NERY, M. P. **Gupos e Intervenção em Conflitos**. São Paulo. Agora. 1992.

NERY, M. P. Epistemologia da Socionomia e o psicodramatista pesquisador. **Revista Brasileira de Psicodrama**, *15* (2), 79-92. 2007.

NERY, M. P., COSTA, L. F, CONCEIÇÃO, M. I. O sociodrama como método de pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2006, 16 (35), p. 305-313. Disponível em https://www.scielo.br/j/paideia/a/yx7GR356pG9wtwY4gQmnQKN/?format=pdf&lang=pt Acesso em 14 de março de 2026

OUDYK R. Classical Psychodrama: epistemological problem and/or postmodern theory? – Paper Apresentado no *16º* **Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo**. Fecap, 19 a 22 de julho de 2006. São Paulo. Brasil. 2006.

O castelo e a cena: psicodrama e ciência como territórios inacabados

Oriana Holsbach Hadler[2]

RESUMO

Este trabalho buscar discutir o tensionamento epistemológico entre o Psicodrama e a Ciência, utilizando a obra *O Castelo*, de Kafka, como chave alegórica para compreender o mal-estar institucional enfrentado pela prática psicodramática nas tramas burocráticas cientificistas. A análise critica o modelo positivista moderno que, ao exigir neutralidade e reprodutibilidade, opera um sequestro da singularidade e da dimensão transformadora do encontro socionômico. Recusando tanto o reducionismo estatístico quanto o relativismo a-histórico, propõe-se uma ética diplomática na produção de conhecimento, na qual o psicodramatista-agrimensor assume o risco de colocar suas próprias premissas em suspensão, mas ousando provocar rupturas na história majoritária da ciência. Através das noções de posicionamento viral e implicação ético-política, o texto argumenta que a legitimação do Psicodrama não deve advir da busca por validação perante autoridades burocráticas, mas da desnaturalização do próprio conceito de ciência. Aposta, assim, que o conhecimento psicodramático se reafirma como uma epistemologia do testemunho e ferramenta de libertação social. Ao sustentar o desassossego e a crueza histórica do encontro, a prática transforma o descaso científico em autonomia narrativa, opondo-se ao monólogo autoritário e excludente para afirmar uma ciência viva, contracolonial.

Palavras-chave: Psicodrama. Ciência. Produção de conhecimento. Epistemologia. Alegoria.

1 INTRODUÇÃO

> Ela estendeu a K. a mão trêmula e o mandou sentar-se ao seu lado; falava com esforço, era preciso se esforçar para entendê-la, mas o que ela disse
>
> Kafka, 1926

O encontro entre o Psicodrama e a Ciência é frequentemente marcado por um mal-estar que remete à atmosfera de *O Castelo*, de Kafka. De um lado, o psicodramatista tenta validar

[2] Doutora em Psicologia Social (UFRGS), psicodramatista (IDH-RS), professora adjunta do curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e orianahadler@gmail.com.

sua prática perante uma autoridade burocrática invisível; de outro, a Instituição Ciência exige credenciais de neutralidade e reprodutibilidade que operam um sequestro da singeleza e singularidade das histórias. Seria simples permanecermos em uma discussão infinita e estéril, se não abrirmos as próprias noções de Psicodrama e Ciência naturalizando-os enquanto campos fechados.

É no desejo de seguir abrindo caminhos de encontros entre estas duas personagens que inevitavelmente compõem nossas práticas enquanto psicodramatistas que este trabalho emerge. Busca, assim, propor uma reflexão crítica sobre o descaso científico com o Psicodrama, recusando a naturalização tanto de uma ciência positivista (que reduz o fenômeno como sendo um dado observável), quanto de um relativismo a-histórico (que atomiza a experiência em narrativas sem lastro na realidade sociopolítica ou micropolítica das relações). Partindo de uma leitura alegórica (HADLER, 2023), investiga-se como a obsessão pela métrica e pelo apagamento do tempo histórico opera o silenciamento da dimensão transformadora do encontro socionômico e da produção de uma ciência.

Nesses termos, nos lançaremos para uma área arriscada e necessária adotando uma ética diplomática de respeito e escuta, produzindo pontos interpostos nesse encontro. Como Baum e Maraschin (2020, p.19) quando referem existir

> […] dois modos de produzir encontros com o outro: um epistemológico, e outro diplomático. No modo epistemológico, não importa o quanto você compreende melhor seu coletivo (ou disciplina) graças ao contraste com o outro, nenhuma surpresa nesse encontro pode ameaçar os princípios ou a abordagem que o levaram à mesa de negociação. Na situação diplomática, esse não é o caso; aquilo a que você se apega, incluindo sua disciplina ou mesmo sua concepção de ciência, está em risco.

É assim que, nesse risco nos lançamos para pensarmos as multiplicidades democráticas nesse encontro entre Psicodrama e Ciência.

2 DESENVOLVIMENTO: o castelo cientificista e a cena kafkaniana

A ciência considerada moderna, em sua vertente positivista, funciona como a imagem

do Castelo na obra kafkaniana. Um sistema de regras autorreferenciadas que exige a purificação do objeto, mas nunca sua constituição tem visibilidade nítida para quem chega na cidade enevoada. Para este modelo, o Psicodrama é impreciso porque o encontro não é passível de isolamento em laboratório. O descaso, aqui, é um projeto de controle: a ciência positivista desconsidera o Psicodrama porque ele é atravessado por localidades, marcadores, territórios existenciais do pesquisador e pela imprevisibilidade do acontecimento (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Ao tentarmos provar o Psicodrama por evidências estatísticas, há grande probabilidade de cair na armadilha de converter a espontaneidade-criatividade em uma variável controlada, esvaziando sua potência de denúncia. Vale ressaltar, porém, que a problemática não é a da métrica quantitativa, pois afinal bem sabe-se a potência das ferramentas sociométricas na leitura analítica dos processos grupais; o perigo está na redução de um campo problemático a esferas vazias de sentidos universalistas.

Por outro lado, o risco contemporâneo é o refúgio em um relativismo a-histórico, onde uma série de métodos são reprodutíveis, mas nenhuma é situada. O que acontece nesse cenário são pesquisas massificadas sem localidades interseccionais e contextualização sociohistórica. Se o positivismo congela a cena em um dado morto, o relativismo dissolve a cena em um jogo de espelhos sem território. O Psicodrama, em sua raiz moreniana e socionômica, recusa ambos. Ele é uma epistemologia do testemunho que exige a implicação ético-política e historicizada. Nessa arriscada situação diplomática, há um certo posicionamento viral para com a realidade da qual o psicodramatista-agrimensor kafkaniano tem a (in)delicadeza de perturbar.

Há uma série de perdas aí, esse posicionamento não é nada simples, pois para se caminhar viralmente nesse tateio diplomático a tarefa árdua dá-se na abertura para a coexistência com o outro. Neste aspecto, como colocam Sales e Dias (2025, p. 734), há de se "pensar na potência de viver, justamente reconhecendo a impermanência e vulnerabilidade que é imanente à vida".

> É a categoria "vida" que o vírus faz voar pelos ares. O vírus tira o pensamento binário moderno do sério, transtorna a ordem da linguagem biológica, transgride os limites, sacode os termos da classificação, desfaz a taxonomia. Indizível, ele é uma entidade constitutivamente disfórica. (PRECIADO, 2023,

p. 180).

Talvez esteja aí uma nova possibilidade para o encontro do Psicodrama com a Ciência: nessa insistência de sermos virais e comermos as paredes do Castelo de dentro. De certa feita, nos embuirmos daquilo que Nego Bispo nos convoca, em um jogo de contrariar as palavras coloniais para desmancha-las de sentidos: "[…]. amos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las" (SANTOS, 2023, p. 3)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: o final inacabado

Kafka morreu antes de terminar o livro, e a narrativa termina abruptamente no meio de uma frase: "era preciso se esforçar para entendê-la, mas o que ela disse (…)". No pósfácio da edição brasileira de *O Castelo*, Carone (2000) nos conta que em conversas com seu amigo Max Brod, Kafka sugeriu que o protagonista morreria de exaustão na aldeia. Somente em seu leito de morte é que chegaria uma mensagem do Castelo, permitindo que ele vivesse e trabalhasse ali, em um reconhecimento que chegaria tarde demais.

A saída para o impasse kafkiano não está em bater à porta da ciência oficial para ser aceito, mas em desnaturalizar o sentido de ciência. Afinal, sem a diversidade, a ciência "não passa de um monólogo autoritário e excludente" (BRUHN; HADLER; SILVA, 2026) e é sustentando os desassossegos nesse encontro que o Psicodrama pode seguir enquanto ferramenta de libertação social, transformando o descaso em autonomia narrativa. A produção de conhecimento psicodramática reafirma-se, assim, como um saber que não apenas observa o mundo através de métricas, mas que ousa encená-lo em sua crueza histórica para, enfim, transformá-lo.

REFERÊNCIAS

BAUM, C.; MARASCHIN, C. Políticas cognitivas e a ética da diplomacia. In: GUARESCHI, N. M.; REIS, C.; HADLER, O. H. **Produção de Conhecimento**: profanações do método na pesquisa. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/243445/001144625.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRUHN, M. M.; HADLER, O. H.; SILVA, P. R. A. Editorial. Resistências ontológicas e epistêmicas: O inegável corpo-ciência das mulheridades. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 34, 2026. No prelo.

CARONE, M. O fausto do século 20. In Posfácio de **O castelo**. F. Kafka. São Paulo: Companhia de bolso. 2000.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo**.** 7a ed. Petrópolis: Vozes. 2005.

HADLER, O. H. Uma alegoria kafkiana para pensar o encontro entre psicodrama e ciência. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 32, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.661>. Acesso em: 15 mar. 2026.

KAFKA, F. **O castelo**. São Paulo: Companhia de bolso. 1926/2000.

PRECIADO, P. B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

SALES, T.; DIAS, S. O. Devir com os vírus no Antropoceno: divulgações científicas menores em mesas de trabalho. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 18, n. nesp.1, p. 731–751, 2025. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/1973>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA. 2023.

Psicodrama, Ciência e a Coragem Epistemológica da Espontaneidade

Maria Inês Gandolfo Conceição[3]

RESUMO

O texto discute as tensões históricas entre psicodrama e ciência, argumentando que a recorrente oposição ao paradigma positivista tem limitado o reconhecimento desse campo como produtor legítimo de conhecimento. Ao recuperar contribuições da filosofia da ciência e das abordagens qualitativas, sustenta-se que o conhecimento científico é situado, plural e relacional, abrindo espaço para práticas que valorizam a experiência, a interpretação e o encontro humano. Nesse contexto, o psicodrama é compreendido como uma forma potente de investigação da realidade social, alinhada à tradição qualitativa e às epistemologias críticas. Defende-se que, em vez de buscar validação em modelos hegemônicos, o psicodrama deve afirmar sua filiação a essa tradição interpretativa, fortalecendo alianças epistemológicas e institucionais. Tal posicionamento implica um compromisso ético-político com a justiça social e epistêmica, contribuindo para a ampliação das formas legítimas de produzir conhecimento na ciência contemporânea.

Palavras-chave: Psicodrama. Pesquisa qualitativa. Epistemologia. Conhecimento situado.

1 INTRODUÇÃO

> Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão (Paulo Freire, 1970)

Entre ciência e psicodrama existe, desde sempre, uma tensão fértil, repleta de estereótipos de ambos os lados, e um projeto dramático oculto que demanda uma cena reparadora. Essa cena não se constrói pela oposição ao modelo dominante, mas pelo reconhecimento da pesquisa qualitativa como ciência legítima e interlocutora privilegiada. É nesse campo que o psicodrama encontra ressonância, fortalecendo-se como forma válida de

[3] Doutora em Psicologia (UnB), Psicodramatista (ABP/DF), Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, inesgandolfo@gmail.com

produção de conhecimento sobre a experiência humana.

O psicodrama nasce do gesto radical de Jacob Levy Moreno: colocar a experiência humana em cena e permitir que o conhecimento emerja do encontro, da ação e da espontaneidade (MORENO, 1975). Ao propor o humano como sujeito ativo na produção de conhecimento, Moreno antecipa debates que mais tarde ganhariam centralidade nas ciências sociais e humanas.

2 DESENVOLVIMENTO

A ciência moderna consolidou-se sob a matriz positivista, orientada pela busca de leis universais, objetividade e previsibilidade, tomando as ciências naturais como modelo de legitimidade (COMTE, 1978). Nesse horizonte, a subjetividade e a complexidade das interações humanas foram frequentemente marginalizadas, levando práticas como o psicodrama a justificarem sua cientificidade diante de critérios que lhes são exógenos. Ao longo do século XX, esse modelo passou a ser questionado. A ciência passou a ser compreendida como um processo marcado por mudanças paradigmáticas e consensos situados em comunidades científicas (KUHN, 2011), bem como pela coexistência de múltiplos métodos e estratégias de produção de conhecimento (FEYERABEND, 2011). Esse deslocamento favoreceu o fortalecimento das abordagens qualitativas, voltadas à compreensão de significados e experiências situadas (DENZIN; LINCOLN, 2018; MINAYO, 2014), nas quais a interpretação densa da vida social se torna central (GEERTZ, 2008).

Nessa esteira, o psicodrama encontra um espaço fértil. A dramatização de papéis e a inversão de perspectivas configuram modos singulares de investigação da experiência social, que dialogam estreitamente com a reflexividade e o abandono à pretensa neutralidade científica. Essa dimensão performativa da vida cotidiana já havia sido evidenciada por Goffman, ao mostrar que a interação social possui estrutura dramatúrgica (GOFFMAN, 2014). Perspectivas contemporâneas reforçam esse deslocamento ao enfatizar o caráter situado e

relacional do conhecimento, recusando a ideia de objetividade neutra (HARAWAY, 1995). A ciência passa a ser entendida como resultado de redes sociotécnicas nas quais os fatos são construídos e estabilizados coletivamente (LATOUR, 2012). Essa compreensão alinha-se com a socionomia moreniana ao conceber o conhecimento como produto do encontro humano. Em paralelo, as epistemologias do Sul denunciam as exclusões produzidas por modelos científicos hegemônicos e propõem uma ecologia de saberes baseada no diálogo entre diferentes formas de conhecimento (SANTOS, 2007).

O psicodrama pode ser compreendido como uma dessas formas de saber que emergem nas margens do paradigma dominante, mas que possuem grande potencial heurístico para compreender a complexidade das relações humanas. Nesse contexto, iniciativas que fortalecem institucionalmente a pesquisa qualitativa tornam-se estratégicas. O Manifesto pela Excelência na Formação em Pesquisa Qualitativa em Saúde propõe ampliar o letramento metodológico, fortalecer a formação na pós-graduação, estimular a interdisciplinaridade e criar políticas de financiamento e avaliação que reconheçam a legitimidade desse campo (REDE DE PESQUISA QUALITATIVA EM SAÚDE BRASIL-CANADÁ, 2025). Apoiar iniciativas como essa implica deslocar o eixo da disputa. Em vez de definir o psicodrama pela oposição ao positivismo, reforçando sua centralidade, torna-se mais produtivo reconhecer a pluralidade do campo científico contemporâneo. A pesquisa qualitativa, a sociologia da ciência e as epistemologias críticas já demonstram que o conhecimento é situado, relacional e múltiplo. Nesse campo ampliado, o psicodrama não precisa pedir licença para existir. Ao se aproximar da tradição qualitativa, a socionomia fortalece sua inserção epistemológica e amplia suas possibilidades de contribuição para a compreensão do humano. Sua força reside não na adequação a modelos restritivos, mas na capacidade de afirmar o conhecimento como produção que emerge do encontro, da improvisação e da criação compartilhada.

O desconhecimento, ou a recusa, dessa perspectiva qualitativa, fundada em paradigmas interpretativos (construtivista, crítico e emancipatório), tem nos feito desperdiçar energia ao

dialogar com quem não dispõe das lentes epistemológicas para nos reconhecer. Isso compromete o avanço de agendas já consolidadas no cenário científico.

Cabe, portanto, afirmar nossa filiação a uma tradição interpretativa robusta e internacionalmente reconhecida, onde estão nossos interlocutores e onde partilhamos compromissos teóricos, metodológicos e ético-políticos. Essa afiliação não dilui a singularidade do psicodrama; ao contrário, potencializa sua inserção em um campo historicamente marginalizado pelo pós-positivismo.

Nesse sentido, a aproximação entre psicodrama e pesquisa qualitativa ganha ainda mais densidade quando se reconhece que esta última não se reduz a um conjunto de técnicas, mas exige a coerência entre dimensões ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas, das quais deriva seu rigor científico (CONCEIÇÃO et al., 2020). Tal compreensão aproxima-se profundamente da socionomia, ao exigir do pesquisador não apenas domínio instrumental, mas implicação, reflexividade e consistência teórica na produção do conhecimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva qualitativa não se define por oposição à quantitativa, nem pelo tipo de dado que utiliza, mas por sua base epistemológica: a centralidade da interpretação, a inseparabilidade entre conhecimento e contexto e o reconhecimento do caráter relacional da produção de saber. Trata-se de um posicionamento que envolve também um compromisso ético-político com agendas de justiça social contra-hegemônica, contracolonial e de justiça epistêmica: “nada sobre nós sem nós”.

No interior do próprio campo psicodramático, é importante reconhecer o esforço contínuo de consolidação de espaços de produção e circulação científica. A *Revista Brasileira de Psicodrama*, vinculada à Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), tem desempenhado papel central nesse processo, constituindo-se como um veículo qualificado para a divulgação de pesquisas, reflexões teóricas e experiências metodológicas no âmbito da

socionomia. Ao longo de sua trajetória, a revista vem contribuindo para o adensamento epistemológico do psicodrama, promovendo interlocuções com as ciências humanas e sociais e ampliando sua inserção no debate científico contemporâneo. Tal iniciativa evidencia que o campo não apenas reivindica reconhecimento, mas também produz, sistematiza e difunde conhecimento de forma consistente.

Se há algo que o psicodrama nos ensina, é que o novo emerge quando criamos condições para que ele aconteça. Talvez este seja um desses momentos: menos confronto estéril e mais alianças potentes; menos busca por reconhecimento em territórios hostis e mais afirmação de pertencimento onde há ressonância. E, sobretudo, a coragem de sustentar, também na ciência, aquilo que sempre nos definiu: a potência criadora do encontro, da espontaneidade e da transformação.

REFERÊNCIAS

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo et al. **Educando pesquisadores qualitativos em saúde no Brasil: perspectivas discentes e docentes**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, e300412, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312020300412

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The SAGE handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA (FEBRAP). **Revista Brasileira de Psicodrama.** São Paulo: FEBRAP, publicação contínua. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7–41, 1995.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

REDE DE PESQUISA QUALITATIVA EM SAÚDE BRASIL-CANADÁ. **Manifesto pela excelência na formação em pesquisa qualitativa em saúde**. Movimento, Porto Alegre, v. 31, 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 78, p. 3-46, 2007.

A não-binariedade: pistas para inspirar e desbinarizar a ciência

Laura de Souza Zingra Vomero[4]

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a produção científica a partir da experiência não-binária, entendida como processo aberto de (des)identificação. A partir da crítica ao binarismo moderno - que estrutura gênero e ciência -, argumenta-se que a cisgeneridade e a lógica dicotômica operam como regimes de verdade que classificam e excluem modos de existência. Nesse sentido, propõe-se o conhecimento como prática do corpo e uma ciência orientada não por verdades universais, mas pela abertura ao acontecimento, pela atenção aos processos e pela criação de novos agenciamentos. A não-binariedade é tomada como força política que tensiona identidades cristalizadas e desloca os modos de conhecer, comprometendo-se com a multiplicidade e com uma ecologia de saberes. Assim, inspira uma ciência outra: situada, em movimento e implicada na transformação das formas de existir e produzir.
Palavras-chave: Ciência. Não-binariedade. Corpo. Desidentificação.

CIÊNCIA E NBFOBIA

Qual ciência é possível quando a existência escapa à leitura binária? Ou ainda: há lugar para a experiência do meu corpo na produção científica? Essas perguntas já anunciam uma fissura na lógica do cistema educacional e acadêmico. Sim, cistema com *c*, para denunciar a estrutura que toma a cisgeneridade como medida do humano e, ao fazê-lo, subalterniza pessoas não-binárias e/ou trans (VERGUEIRO, 2016).

Para López Gómez e Platero (2018), ainda são escassos os estudos acadêmicos dedicados às identidades não-binárias. Quando aparecemos na literatura científica, frequentemente somos englobados em pesquisas sobre outras identidades trans, sem que a

[4] Psicodramatista, didata, supervisora – Viver Mais Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – laurazvomero@gmail.com

temática das nossas experiências seja aprofundada - quando somos, de fato, incluídos. Não raro, a NBFobia sustenta a ideia de que se trata de identidades recentes. Contudo, como apontam López Gómez e Platero (2018), pessoas que dissolvem o binarismo de gênero sempre existiram, atravessando diferentes tempos históricos, culturas e nomenclaturas. O que se apresenta como novidade, como também pesquisado por Inaê Barbosa (2023), é, por outro lado, efeito de invisibilização histórica que coloca a não-binariedade em algo supostamente novo ou da moda.

Esse apagamento não se reduz à escassez de pesquisas, mas se inscreve em um circuito fechado de conhecimento que organiza o mundo a partir de classificações binárias, fixas, redutíveis e estáveis. Nesse contexto, a questão não é apenas produzir mais estudos sobre nossas (não)identidades, mas interrogar as próprias formas de produção binária do conhecimento. Afinal, modelos dicotômicos tendem a simplificar a complexidade dos fenômenos, ao mesmo tempo em que tornam invisíveis existências que escapam às categorias da ditadura de gênero. Uma vez que nossas identidades produzem "[...] desorganização das regras que governam sexo/gênero/desejo" (BUTLER, 2015, pg 54), ameaça a própria ideia de ciência, biologia e compreensão de mundo como instâncias estáveis.

CIÊNCIA (IM)POSSÍVEL

A ciência hegemônica moderna encontra René Descartes em uma de suas matrizes, cuja formulação do método cartesiano organizou o conhecimento em categorias separatistas. Ao operar por decomposição, separação e ordenamento, consolidam-se dicotomias sustentadas por compreensões também fragmentárias: mulher/homem, normal/anormal, bom/mau, carne/espírito, mente/corpo. A lógica binária, nesse sentido, constitui a própria matriz de organização da ciência moderna.

Quando Moreno migra para os Estados Unidos, em 1925, encontra grandes dificuldades para legitimar o psicodrama como método científico. Nenhuma universidade lhe oferecia um contrato como cientista (Fonseca, 2021), uma vez que sua teoria e abordagem insurgiam na

contramão da ciência hegemônica da época. Parece que Moreno, para seguir adiante com sua filosofia, valeu-se daquilo que Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) nomearam como camuflagem: uma estratégia estética e política, por meio da qual o sujeito se dissolve ao ambiente para escapar à captura das normas sociais e dos dispositivos de poder, constituindo-se como uma tática frente às forças do Estado, do capitalismo e, nesse exemplo, da própria hegemonia científica. Nesse movimento, com o aprimoramento da sociometria, o psicodrama passa a ganhar maior reconhecimento ao incorporar o método quantitativo, disfarçando-se, estrategicamente, ao se aproximar da ciência cartesiana e positivista.

O que está em jogo não é o binarismo moral entre falso e verdadeiro, mas a eficácia das táticas para produzir outras epistemologias. Isso pode ter levado Moreno a usar da espontaneidade-criatividade como estratégia de insistência e sobrevivência. O que não difere de sua própria trajetória, atravessada por exclusões (FONSECA, 2021), anonimato e pela experiência dolorida do genocídio do povo judeu, o que, de alguma forma, também atravessa suas estratégias de inserção na sociedade devido as perseguições antissemitas.

Talvez seja possível pensar a existência de um ressentimento de matriz histórica no psicodrama, ainda presente no movimento psicodramático brasileiro, que surge desse lugar de anonimato, clandestinidade e marginalidade e se expressa na persistência em nos comprovarmos como válido diante da ciência hegemônica. Mas o que é, afinal, ser válido? Válido para quem? A que custo? Se, ser válido implica submeter-se a uma ciência binária e dicotômica, não compactuo com o modelo de vidas sendo sufocadas ou negligenciadas.

O psicodrama acontece menos pela precisão normativa de cada etapa e mais pela abertura ao indeterminado, superando o modo binário e dicotômico de ciência ao trabalhar com os conceitos de encontro, acontecimento, aqui e agora e com os múltiplos fluxos espontâneo-criativos. Quando há algum grau de precisão, por exemplo, por meio dos diagramas sociométricos, ele emerge do próprio registro do acontecimento, e não de um modelo prévio a ser alcançado ou de um mapa de forças passível de reaplicação. O que se constituí ali é um

traçado singular de um jogo de forças situado no território, são registros dos processos de passagens ou bloqueios que acompanhamos. Nossas pesquisas não se orientam por objetivos fixos; elas se dão no acontecimento, o que também as coloca em tensão com a lógica neoliberal de (re)produtividade.

CIÊNCIA ABERTA

O binarismo de gênero não está deslocado da lógica binária da ciência hegemônica moderna, não apenas se (re)produzem mutuamente, como também delimitam formas de compreender e habitar o mundo, restringindo a possibilidade de imaginar futuros em que coexistam as múltiplas experiencias humanas e não humanas.

Nesse contexto, pessoas não-binárias vivenciam intensos processos violentos de apagamento, invisibilização e exclusão (BARBOSA, 2023). O que este texto propõe é pensar como a experiência não-binária pode nos inspirar a desafiar a lógica classificatória e dicotômica da produção científica. Não se trata de encaixar a não-binariedade na ciência, mas de abri-la, destrinchá-la, vasculhá-la, desterritorializá-la e multiplicá-la. De trair a ciência.

A não-binariedade está sendo pensada tanto como uma identidade em constante captura quanto como uma potente categoria aberta e inacabada, um processo infinito de (des)identificação. Para Preciado (2023), o desconhecimento de si e os processos de desidentificação constituem condições para o surgimento do político como possibilidade de transformação da realidade. Ele afirma que, se no estádio do espelho lacaniano a subjetividade se constitui a partir do reconhecimento de si na imagem especular, a subjetividade política aparece justamente quando esse reconhecimento falha, isto é, quando o sujeito já não se reconhece em sua própria representação. Por isso, a aposta está na criação de novos agenciamentos, capazes de escapar à captura dos desejos, ou fixações das identidades por meio da liberação dos fluxos espontâneo-criativos.

Nesse horizonte múltiplo, levo o conhecimento e a experiência não-binária como possibilidade de inspirar a produção científica, tensionando práticas de poder sustentadas, como nos lembra Christine Garden (2023), por relações autoritárias - eu/outro, meu/seu, ele/ela - e abrindo caminho para outros modos de conhecer. Trata-se de desafiar referências e categorias fixas, deslocando o foco para os processos e para a sustentação da emergência do novo. A produção de conhecimento passa a funcionar como campo de invenção e convoca uma ciência outra: aberta, em movimento e comprometida com a liberação dos fluxos espontâneos-criativos e com uma ecologia de saberes, possível de acolher a multiplicidade e de reinventar continuamente as formas de existir e conhecer. Uma ciência psicodramática.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BARBOSA, I. I. Trajetórias e experiências de pessoas não-binaries: reflexões teóricas para a construção de uma agenda de pesquisa. **Revista Zabelê**, v. 4, n. 1, 2023. Acesso em: 18 mar. 2026.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.

FONSECA, J. Exclusão–inclusão na vida e obra de J. L. Moreno. **Revista Brasileira de Psicodrama**, p. 45–60, 2021. Disponível em: https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/522. Acesso em: 18 mar. 2026.

GREINER, C. **Corpos crip: instaurar estranhezas para existir**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LÓPEZ GÓMEZ, I.; PLATERO, L. ¡Faltan palabras! Las personas trans no binarias en el Estado español*. **Ex æquo**, n. 38, p. 111–127, 2018. Acesso em: 18 mar. 2026.

PRECIADO, P. B. **Texto junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (org.). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 249–270.